

Escolas Paroquiais Luteranas no Estado do Espírito Santo: contribuições para a manutenção da identidade alemã e pomerana

Lutheran parish schools in the State of Espírito Santo: contributions to the maintenance of german and pomeran identity

Eliane Maura Littig Milhomem de Freitas¹

Resumo: O presente artigo discute a problemática que envolveu a imigração de alemães e pomeranos ao Brasil, no século XIX e, particularmente, no Estado do Espírito Santo. Esclarece algumas razões que impulsionaram tal mudança, apresenta as ilusões na nova terra, e como a religiosidade, cultura e educação luterana – resquícios da Reforma Protestante –, contribuíram para sustentar as práticas e a manutenção da sua identidade. Como metodologia, foi utilizada a pesquisa participante e qualitativa, privilegiando a perspectiva sócio histórica a fim de reconhecer as estruturas cultural, religiosa e educativa que envolveram o grupo mencionado. Esse artigo é um recorte de mestrado da autora (Freitas, 2006), que possibilitou perceber os papéis desempenhados pela Igreja Luterana e suas escolas e as formas de superação dos obstáculos encontrados pelo grupo. Como resultados da pesquisa destacamos a contribuição da Igreja Luterana neste processo, bem como o legado deixado pelos povos que fizeram parte dessa história.

Palavras-chaves: Imigrantes alemães e pomeranos. Cultura. Identidade. Educação luterana.

Recebido em 27 de maio de 2024

Aceito em 24 de julho de 2024

¹ Docente da Faculdade Unida de Vitória (FUV), pesquisadora da área do Ensino Religioso. Membro do Conselho do Ensino Religioso do Estado do Espírito Santo (CONERES). E-mail eliane@fuv.edu.br CV <http://lattes.cnpq.br/3768969420465227>.

Abstract: This article discusses the problems involving the immigration of Germans and Pomeranians to Brazil in the 19th century and particularly to the State of Espírito Santo. It clarifies some reasons that drove such a change, presents the illusions in the new land, and how religiosity, culture and Lutheran education – remnants of the Protestant Reformation, contributed to sustain practices and maintained their identity. As methodology was used the participatory and qualitative research, privileging the socio-historical perspective in order to recognize the cultural, religious and educational structures that involved the mentioned group. This article is an excerpt from the author's master's degree (Freitas, 2006), which made it possible to understand the roles played by the Lutheran Church and its schools and the ways of overcoming the obstacles encountered by the group. As the results of the research, we highlight the contribution of the Lutheran Church in this process, as well as the legacy left by the people who were part of this history.

Keywords: German and Pomeranian immigrants. Culture. Identity. Lutheran education

Introdução

Em 1859, chegaram ao Espírito Santo os primeiros colonos da Alemanha e Pomerânia; eram empregados domésticos, servos, pastores de ovelhas, cocheiros, dentre outras atividades consideradas de menor expressividade.

De acordo com Jacob², no início do século XIX, os pomeranos encontravam-se num contexto político, social e econômico bastante precário na Europa. Inicialmente, a Pomerânia pertencia à Prússia, sendo sua superfície de 30.235 Km², e a população cerca de 2 milhões de habitantes. Sua economia baseava-se na agricultura, sendo que em épocas remotas fora considerada o “celeiro” agrícola da Europa.

No entanto, vivendo num quadro de instabilidade social, econômica e política, o pomerano se vê forçado a deixar suas terras a fim de encontrar melhores alternativas de vida. Outros fatores como as guerras napoleônicas, desenvolvimento do capitalismo e a crescente industrialização na Europa, sinalizavam a constante saída dos imigrantes para outros países.

A partir de 1945, com o fim da 2^a Guerra Mundial, com o Tratado de Versalhes, a tragédia dos pomeranos chega ao ápice, pois a Pomerânia desaparece do mapa, passando a pertencer uma parte à República Socialista da Polônia, outra parte à Alemanha Oriental e outra pequena parte à Alemanha Ocidental.³

² JACOB, Jorge Kuster. *A Imigração e os aspectos da cultura Pomerana no Espírito Santo*. Vitória: Cidarts, 1992, p.13-14.

³ JACOB, p. 15

Dheher⁴ esclarece que, na Alemanha, no século XIX, a emigração em massa foi consequência dos desníveis sociais e econômicos existentes na região. Estes tiveram origem no Bloqueio Continental decretado por Napoleão Bonaparte em Berlim, em novembro de 1806.

Embora inicialmente tenha possibilitado um crescimento na indústria artesanal no ambiente rural da Alemanha, após as guerras de libertação e unificação, e a consequente abertura dos mercados alemães, seguiu-se um progressivo empobrecimento das populações rurais, que dentre outras questões impulsionaram também os alemães a imigração.

Para esclarecer melhor os pontos apresentados na problemática anunciada que envolve o processo imigratório de alemães e pomeranos adeptos do luteranismo, esse artigo tem como objetivo geral discutir sobre os percalços que contribuíram para essa imigração no século XIX, bem como entender como se deu a vivência dessa população em terras brasileiras e em especial em terras capixabas.

Portanto, temos como objetivos específicos esclarecer o contexto histórico da Alemanha e do Brasil que proporcionaram essa condição imigratória, entender como a Igreja Luterana desempenhou um papel espiritual e, junto a escola, o papel educativo com vista da manutenção da identidade desses povos e, por fim, compreender os meios de superação encontrados na nova terra. Nesse sentido nosso referencial teórico ancora-se em Freitas (2006), Jacob (1992), Retz (2005), Wagemann (1949), Dreher (2003) entre outros.

Assim, na primeira seção, apresentaremos sobre o contexto histórico da Europa e o Brasil no início da imigração, as ilusões encontradas na nova terra e as soluções encontradas no trabalho coletivo. Na segunda seção, esclarecemos como a igreja luterana se tornou uma mediadora espiritual e social na vida desses imigrantes e, na terceira seção, tratamos da escola, seu papel educativo e ainda a manutenção da germanidade.

Por fim, na última seção abordaremos as contribuições de superação e legado desses povos, que com a contribuição da Igreja e escola Luterana prosperaram nos segmentos da economia, cultura dentre outros.

Em meio a tantas lutas, os protagonistas da história tiveram ganhos, foram resilientes e ajudaram a construir uma nova terra e são destaques importantes para a formação do povo capixaba.

4 DREHER, Martin Norberto. Igreja e Germanidade. São Leopoldo, RS: Sinodal, 2003, p. 32.

1. Brasil e Europa: contexto histórico, ilusões e as soluções encontradas na terra prometida

No século XIX, o Brasil estava perdendo sua mão de obra nas lavouras de café, com as sucessivas medidas de erradicação do trabalho escravo. Nasce daí um impasse sobre os rumos que a economia do Brasil poderia tomar.

Nessa conjuntura, o Imperador D. Pedro I tinha em mente colonizar a terra com agricultores e braçais de outros países, especialmente da Europa e, assim, acredita-se que aconselhado pela Imperatriz D. Leopoldina, deu preferência aos colonos de fala alemã: austríacos, suíços, alemães e pomeranos.⁵

Por outro lado, segundo Bento⁶, parlamentares, inspirados pelas Teorias Raciais da Europa, promoveram a campanha imigrantista, que tinha dois objetivos: valorizar o imigrante branco e convencer a elite dominante do país de que o progresso só viria se fossem importados imigrantes brancos. Configura-se aí a “Ideologia do branqueamento da raça brasileira”, a qual ressalta a necessidade de branquear o país, uma vez que no Censo de 1872 fora constatado que 55% da população brasileira era negra.

O autor destaca ainda que, dando seguimento ao branqueamento da raça brasileira, foi colocado em ação um projeto que visava transformar o Brasil num país branco. Em 1881, o governo de São Paulo passou a pagar a metade dos custos de transporte dos imigrantes, devendo o restante ser pago ao fazendeiro que o importava. Em 1884, começou a devolver aos imigrantes os gastos com passagens e, em 1885, passou a pagar diretamente o custo de transporte dos imigrantes europeus.

Em terras capixabas, a primeira colônia de imigrantes foi fundada por Couto Ferraz, em 1847. Esse grupo compunha trinta e oito famílias com 163 pessoas do Hunsrück e do Hesse, da região central do Reno, na Alemanha. Em 1857, mais alemães chegaram, estabelecendo-se nas margens do rio Santa Maria, onde mais tarde surgiria a colônia de Santa Leopoldina. Esta colônia recebeu – entre os anos de 1870 e 1879 – centenas de imigrantes oriundos da

⁵ FREITAS, Eliane Maura Littig de. *Escolas paroquiais luteranas no Estado do Espírito Santo*. Dissertação de Mestrado. Universidade São Marcos, São Paulo, 2006, p. 50.

⁶ BENTO, Maria Aparecida Silva. *Cidadania em preto e branco*. São Paulo; Ática, 1999, p. 29.

Pomerânia. Assim, a vinda dos pomeranos deu maior impulso e mais força à colonização do Espírito Santo.⁷

Medeiros⁸ destaca que os pomeranos se concentraram em algumas regiões do Espírito Santo. Ao Sul, na denominada “terra fria”, no município de Santa Maria de Jetibá, conhecido como o município mais pomerano do Espírito Santo, e em Santa Leopoldina e Laranja da Terra. Ao Norte, na denominada “terra quente”, concentraram-se, sobretudo, em Vila Pavão, Pancas, Baixo Guandu e São Gabriel da Palha. Basicamente, os imigrantes alemães no Espírito Santo eram pomeranos e hunsrucklers.

Diante das facilidades apresentadas, alimentados por sonhos e esperanças, os imigrantes alemães e pomeranos embarcaram em navios trazendo seus sonhos e esperanças, sem imaginar o que o futuro lhes reservava; porém, impulsionados pela ideia de ter um pedaço de chão e um futuro promissor para seus filhos vieram em busca da terra prometida. No entanto, tiveram que dar conta de muitas dificuldades, que foram se descortinando tanto no percurso como na chegada e vivência em solo capixaba, como será pautado no próximo item.

1.1. Ilusões na nova terra

As ilusões chegaram ao fim, desde que os imigrantes começaram sua jornada em terras capixabas. Jacob salienta que, inicialmente, ficavam alojados por 40 dias na hospedagem Pedra D’Água, em Vitória - capital do Espírito Santo. Esse tempo era para observação, uma espécie de profilaxia, no sentido de preservar-se das doenças que poderiam vir junto com os imigrantes. Fato até contraditório, uma vez que tais alojamentos estavam em péssimas condições, sendo local propício para o surgimento de epidemias.⁹

Ao lado desse isolamento forçado, outro problema foi se intensificando: o de expressar-se, pois outra dificuldade estava na língua falada, o alemão e o pomerode, muito comum entre os patriícios. Esse dialeto, de difícil compreensão lhes serviu para perpetuar o isolamento, para manipulação dos intermediários na revenda dos produtos agrícolas, para chacota, discriminação e dominação por parte dos brasileiros e, ainda, considerada subversiva, como no período da segunda guerra mundial, sendo taxados de

⁷ RETZ, Sidney. *Memórias, vivência e testemunho*. Santa Maria de Jetibá, ES: Graficol, 2005, p. 18.

⁸ MEDEIROS, Rogério. *Espírito Santo. Encontro de Raças*. Vitória: Dom Quixote, 1997, 21.

⁹ JACOB, 1992, p. 18-19.

nazistas, presos, torturados e até mortos, porque a sua “língua” fora confundida coma língua de Hitler.¹⁰

Em certa medida, impediu o acesso às escolas, pois além da distância dos centros urbanos, o professor brasileiro tinha pouco conhecimento do alemão e praticamente nenhum do pomerano. Assim, as igrejas Luteranas, se organizaram e constituíram suas próprias escolas, como veremos mais adiante.

Carvalho ressalta que o vendeiro passou a exercer o papel de intérprete e de intermediário entre a colônia e a cidade. Assim, a vida econômica era controlada pelo vendeiro. Muitas vezes, enriqueceram de forma ilícita e as custas da ingenuidade dos imigrantes.

A falta de abastecimento da colônia se dava pelo transporte, pois o que o colono tinha para vender e o que necessitava para comprar era onerado pela despesa com o transporte. Na maioria das vezes, o comprador, ou seja, o vendeiro, oferecia o transporte, cabendo a ele a vantagem sobre os lucros.¹¹

Muitas famílias tinham amigos, conhecidos e parentes na mesma situação, porém as distâncias e as matas existentes entre as casas dos colonos impediam a comunicação entre eles. Assim, o cansaço, o desânimo e a inquietação eram uma constante em suas vidas.

Wagemann destaca sobre as doenças comuns e difíceis de serem controladas, sobretudo devido à falta de higiene e a medicina deficitária, assim como seus hábitos alimentares sofreram mudanças, devido a culinária diferente encontrada em nosso país. A morte era fato corriqueiro, e ainda mais comum no sobrepardo das mulheres; o falecimento de mãe e criança. Algo muito comum, tanto na época até os dias de hoje, é que a noiva pomerana se casa de preto, sendo que uma das explicações para aquela época consistia no “luto” que poderia sobrevir ao buscar dar à luz aos seus filhos.¹²

Outro fator bastante pertinente é que o imigrante, por não se constituir num crente católico, não tinha direito aos cemitérios existentes na época; motivo pelo qual encontramos ainda nos dias de hoje, principalmente no interior, um cemitério ao lado das igrejas luteranas. Conforme Freitas, “no Brasil predominavam os rituais

¹⁰ JACOB, 1992, p. 38-39.

¹¹ CARVALHO, Regina Hess. *Santa Maria de Jetibá – uma comunidade Teuto-capixaba*. Dissertação de Mestrado - USP. São Paulo, 1978, p.78.

¹² WAGEMANN, Ernst. *A colonização alemã no Espírito Santo*. Tradução de Reginaldo Santana. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 1949, p. 81.

fúnebres católicos e, sendo assim, os que professavam uma fé diferente tinham dificuldades para enterrar seus entes queridos”.¹³

Nessa nova vida era necessário buscar alternativas para que a mesma se tornasse menos dificultosa e foi o trabalho coletivo que se mostrou uma condição favorável para trazer ânimo, vencer barreiras e uma vida mais social, como veremos a seguir.

1.2. A solução encontrada: o trabalho coletivo

Diante de tantas dificuldades, os imigrantes precisavam procurar saídas, e entre elas começaram com o mutirão, também chamado “juntamentz”, que tornava possível a sua coesão familiar.¹⁴ O mutirão se tornou motivo de aproximação, pois após o mutirão começaram a constituir o “juntamentz ball” ou baile de ajuntamento. Ninguém cobrava pelos serviços prestados, mas o beneficiado ao final do mutirão oferecia o baile, geralmente regado aos comes e bebes próprios da época.

Quando se carneava um porco, havia o costume em dividir a carne entre os vizinhos, principalmente quando ainda não havia geladeira e, assim, praticamente toda a semana havia carne fresca para consumo.¹⁵

De outro modo a igreja começou a ter papel preponderante. Roche¹⁶, destaca que além de local de abastecimento espiritual, se tornou também o local onde se podiam buscar soluções, conselhos entre outros que ajudaram ao imigrante a melhor viver na nova terra. Por isso era muito comum permanecerem todo o domingo na igreja; cujo momento social servia como um alento e terapia coletiva, pois era o momento de rever familiares e conversar com os amigos.

Assim, o imigrante foi percebendo o valor da coletividade; pois juntos eram mais fortes e podiam encontrar soluções em que todos pudessem ser beneficiados, e nessa descoberta contavam com a Igreja Luterana, que foi trazida da Alemanha em sua memória e coração, e à sua liderança pastoral coube a responsabilidade de não só conduzir as suas ovelhas aos seus preceitos religiosos, como também tomar para si vários papéis como abordado a seguir.

2. A Igreja Luterana como mediadora espiritual e social

¹³ FREITAS, 2006, p.74

¹⁴ WAGEMANN, 1949, p. 62

¹⁵ JACOB, 1992, p. 25.

¹⁶ ROCHE, Jean. A colonização alemã no Espírito Santo. Tradução de Joel Rufino dos Santos. São Paulo: Difusão Europeia do livro. Universidade de São Paulo, 1968.

Freitas destaca que embora com dificuldades, que deixaram marcas em sua trajetória de vida, os imigrantes luteranos, pomeranos e hunsrucklers que vieram para o Espírito Santo, trouxeram em sua bagagem os livros doutrinários, básicos da igreja a um fiel luterano, entre eles: a Bíblia, o Hinário Luterano e o Catecismo de Lutero.

O Hinário reúne um conjunto de músicas cantadas pelo mundo todo no meio luterano, de autoria de músicos renomados e também do próprio reformador, assim como o Catecismo, o qual é um manual de doutrinas da Igreja Luterana, de leitura de fácil compreensão, utilizado para a instrução dos adolescentes e mesmo dos adultos.¹⁷

Nessa bagagem havia o desejo em perpetuar a sua crença na terra nova e, por isso, Vollbrecht e Schaeffer afirmam que assim que os alemães e pomeranos chegarem ao Brasil trataram de providenciar a vinda de pastores da Igreja Luterana, a qual seguiam quando viviam na Europa.

As igrejas eram construídas por meio de mutirão e em sua maioria nos altos (morros), dando a ideia de peregrinação ou para que todos pudessem ouvir seus sinos (chamado).

Na época da imigração, apenas as igrejas católicas poderiam ter torres e, conseqüentemente, sinos; porém, assim que possível, as igrejas luteranas também providenciaram seus sinos.¹⁸

Roche destaca que os cultos eram muito importantes, pois além da espiritualidade muito valorizada, os membros costumavam chegar pelo menos uma hora antes do culto. Era o momento do encontro, da troca de novidades, de colocar a conversa em dia, rever os parentes e amigos.¹⁹

As festas religiosas se constituíam, muitas vezes, no único lazer possível. E sobre o momento do culto, Freitas escreve:

[...] Por outro lado, havia o momento do culto. Era a hora de ouvir a palavra de Deus anunciada por um pastor, geralmente em língua alemã, de cantar os hinos em alemão, participar da Santa Ceia e usufruir as regalias de um membro luterano. Após o culto, muitas vezes havia o ensaio do coral – os grupos de homens e mulheres procuravam se adequar ao tipo de voz que mais lhes conviesse e, é claro, quase sempre sem a ajuda de um instrumento, apenas de ouvido. Os adolescentes tinham a sua instrução de

¹⁷ FREITAS, 2006, p. 64.

¹⁸ VOLBRECHT, Edgar & SCHAEFFER, Dário Geraldo. Igreja de Jetiquibá – um século de existência. Vitória: Renograf, 1982, p.5 -11.

¹⁹ ROCHE, 1968, p. 266.

confirmandos. O pastor lhes tomava a lição e tudo era uma festa e satisfação.²⁰

Conforme relatos da pesquisa, a maioria dos membros caminhava cerca de uma hora para o momento do culto e era muito comum levar consigo uma merenda, pois as atividades eram intensas e passavam bom tempo no serviço religioso.

Os pastores luteranos constituíam uma espécie de ordem muito honrada e prestigiada por sua função. Ao serviço espiritual somava-se o papel de conselheiro, juiz, advogado, médico, e outros de acordo com a necessidade apresentada. Devido a sua instrução e formação era sempre requisitado para solucionar as mais diferentes pendências. Nesse contexto a figura da esposa do pastor, a “Frau pastor”, recebe tratamento não menos honroso, Roche revela que

A Frau pastor cuida de bom número de questões administrativas ou sociais, de uma parte do catecismo, do canto e da recepção das mulheres dos paroquianos que encontram junto a ela uma vontade maior.²¹

Observa-se que o trabalho desenvolvido pelas esposas dos pastores priorizava suas tarefas de acordo com a demanda da paróquia, como regência do coral, organista, professora de escola dominical. Ainda hoje é muito comum que tais atividades sejam atribuídas a ela. Outro ponto interessante é que essa mulher, em algumas situações, passa a ter sua identidade esquecida ou deixada de lado, visto receber o codinome de “mulher do pastor” ou então “Frau pastor”.

À igreja cabia o ensino para alentar a alma e, de certo modo, também a vida, pois ao tratar de assuntos diversos, informando e instruindo os membros cotidianamente, reservava aos colonizadores o apoio espiritual, econômico, educacional e sanitário.

Os pastores eram sempre da mesma origem e, por isso, também falavam a mesma língua dos colonos. Desta feita, e por viverem entre os colonos, conhecia-os perfeitamente, assim como os compreendia e os julgavam ao mesmo tempo, procurando instruí-los e educá-los, em todos os sentidos dos termos. Além de conselheiros, serviram como advogados, juiz de paz e, ainda, para conciliar questões políticas e econômicas que perpassava a vida dos imigrantes.²²

²⁰ FREITAS, 2006, p. 71.

²¹ ROCHE, 1968, p. 316.

²² ROCHE, 1968 p. 244-245.

Embora em sua maioria os pastores que vieram ao Brasil fossem alemães, uma característica étnica que diferencia a IECLB (Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil) da IELB (Igreja Evangélica Luterana do Brasil) é que a primeira é genuinamente alemã, e a segunda americana; porém, na sua originalidade, é alemã, como consta na história do Sínodo de Missouri.²³

Muitos pastores missionários descrevem suas aventuras pelo Estado do Espírito Santo, sendo que muitas vezes o trajeto acontecia a cavalo, com motocicleta e até mesmo a pé. Era comum o pastor ficar fora de sua casa por dois meses ou mais quando procurava fazer toda a travessia necessária.²⁴

O Sr. Jeremias Littig, em sua obra “Meu Livro Recheado”, homenageia o pastor Martinho Flor no texto “*Um pouquinho da história de um grande pastor*”. Para atender a toda a sua paróquia, que compreendia o extremo norte do Espírito Santo: Pancas, São Gabriel da Palha e Vila Valério (que antes pertenciam a Colatina) e Vila Pavão (antes pertencente a Nova Venécia), com várias congregações, o pastor Flor precisava percorrer de 210 a 230km em lombo de burro, e que as condições climáticas não ajudavam:

[...] naquela época aqui chovia muito, era bem comum acontecerem tempestades com fortes ventos, derrubando árvores sobre o caminho. Era muito comum o caminho estar entulhado, entupido com árvores e cipós que tinha que se fazer uma picada contornando todo o empecilho. Por isso o pastor Flor não dispensava um bom facão e uma boa lanterna a pilha, visto que muitas vezes viajava a noite. Eu imagino que o Pastor Flor gastava no mínimo uns 20 dias de viagem para fazer este rodízio, visto que atendia cada filial sem pressa, dispensando atenção a todos, não fazendo distinção entre rico e pobre, seja culto ou iletrado. Ainda tirava tempo para visitar escolas paroquiais. Não eram apenas visitas, mas tirava toda manhã para assistir às aulas para avaliar o desempenho da mesma. (grifo do autor). (...) Certo dia que ele tinha pernoitado, na nossa casa, (casa do papai), quando de manhã cedo estava colocando os arreios, sobre o seu burro ele disse: “se para herdar o reino dos céus, fosse através de boas obras e fosse também extensivo aos animais, este meu burro estaria, com

²³ FREITAS, p. 36

²⁴ FREITAS, p. 67

a salvação garantida”. Ele disse essa frase em língua alemã esboçando um discreto sorriso.²⁵

Corroborando com o Sr. Littig, Wagemann declara que é compreensível que diversos pastores possuíssem um poder autocrático, pois não se tratava apenas de um pastor, cura de almas e o predicante, mas também do professor, do médico e, inclusive uma espécie de prefeito. Essa pessoa deveria ter instrução superior naquele grupo religioso e, sendo assim, recaía sobre ele uma pesada carga de trabalho, muitas vezes sendo solicitado à cabeceira de um doente grave ou a um enterro, sendo obrigado a percorrer enormes distâncias a cavalo, através da noite e da tempestade, pelos caminhos mais difíceis e, portanto, “desempenharam uma missão cultural valiosa”.²⁶

Em contrapartida, os colonos os respeitavam, não apenas em razão da alta missão de que estão investidos, mas também porque os tinham como sacerdotes, em razão do conhecimento das palavras sacramentais e, por estarem a serviço da Igreja poderiam proferir palavras de alegria ou consolo na dor, e ainda acompanhar a vida do fiel. Toda a atividade do imigrante girava em torno do seu viver na igreja, a partir das celebrações e festas que envolviam toda a comunidade e também no papel educativo da escola, como veremos a seguir.

3. A escola: papel educativo e manutenção da identidade

O reformador Martinho Lutero defendia que prover a educação é dever do Estado; ocorre que em terras estrangeiras, e na situação peculiar em que os imigrantes se encontravam, foi necessário que eles mesmos promovessem a escolarização de seus filhos.

Tal escolarização não seguia um ensino sistemático e, na maioria das vezes, o professor era o próprio pastor, ou sua esposa, ou ainda alguém da igreja que possuísse um pouco mais de estudo para ensinar. E, portanto, a Igreja se ocupou de tal atividade, também por entender seu papel na congregação e missão, como declara Rehfeldt [...] É nas escolas que lançamos a semente para o futuro”.²⁷

Nesse contexto, a escola teve que cumprir além da escolarização, a contribuição para a conservação da religião e, ainda,

²⁵ LITTIG, Jeremias. *Meu Livro Recheado*. Nova Venécia, ES: Cricaré, 2000, p. 91.

²⁶ WAGEMANN, 1949, p. 89.

²⁷ REHFELDT, Mário Luís. *Um grão de mostarda*. A história da Igreja Evangélica Luterana. V. 1. Porto Alegre, RS: Concórdia, 2003, p. 51.

a manutenção da germanidade; pois mesmo numa cultura híbrida, sua origem era suficiente para identificar seu pertencimento étnico.

As escolas comunitárias, criadas pelas igrejas, tiveram uma participação ímpar na preservação da germanidade, pois por um bom tempo buscou erradicar o analfabetismo e a estabelecer a instrução religiosa na língua alemã, assim como no dialeto pomerano.

Roche escreve que a igreja sempre se preocupou com o ensino dos seus congregados:

[...] A organização do ensino particular e por muito tempo o seu exercício, ficaram a cargo dos padres e dos pastores ou de seus delegados. Eles ministram instrução religiosa, contribuem para a conservação ou a divulgação da vida cultural. Eles não são apenas os conselheiros espirituais dos colonos, mas desempenham um papel cotidiano na vida social.²⁸

Além de enviar pastores ao Brasil, a Sociedade Evangélica enviou mais de 40 professores para subvencionar as escolas comunitárias, além de presenteá-las com sinos, hinários, bíblias, vasos sacros e etc., como assinala Dreher:

Dos pastores que atuavam no Brasil, a sociedade exige que sejam alemães de caráter, que tenham a alegria de consciente zelar pela germanidade na escola e na igreja. Caso observem que membros de comunidade, velhos e jovens, estiverem em perigo no tocante a sua peculiaridade germânica, por causa da atração exercida pelo ambiente estranho, especialmente nas cidades, pela influência da rua e dos empregados brasileiros nas famílias ou por outras influências é de obrigação agir contra esse estado de coisas com todos os meios permitidos.²⁹

O autor acrescenta que essa radicalidade levou a igreja e o povo alemão a uma discriminação, pois se confundia aqui uma pretensa preservação étnica e preservação do Evangelho, transformando-se em ideologia trivial.

O/a professor/a/a era muito respeitado, mesmo não tendo toda a formação para a investidura do cargo. Kreutz destaca que tal professor/a não era servidor/a do Estado, ou um mero mediador de

²⁸ ROCHE, 1968, p. 244.

²⁹ DREHER, 2003, p. 81

conhecimentos, mas um enviado de Deus, cuja missão era catequizar e sua recompensa viria dos céus.³⁰

Essa importância encontra-se também manifesta em antigos livros litúrgicos da igreja que reservava cerimônias próprias para a instalação de professor sinodal (escolas oficiais da igreja), tanto para o professor de teologia, para o professor secundário e também para as escolas paroquiais.³¹

Além de instruir os alunos no processo de alfabetização e conhecimento das ciências, os conteúdos ministrados em sua maioria eram os religiosos, mas que serviram para oportunizar o conhecimento e a interação social das crianças e jovens, cuja geração vive bem diferente dos tempos de outrora como será apresentado a seguir.

4. Do limão uma limonada: perspectivas de superação

Atualmente, os alemães e pomeranos vivem de forma bem diferente que seus antepassados. Algumas conquistas, antes apresentadas como ilusões, configuram novas dimensões. A tecnologia tem contribuído para muitas melhorias: assistência médica, melhores rodovias, escolas e etc.

As cidades de Domingos Martins (de imigração predominantemente alemã) e Santa Maria de Jetibá (predominante pomerana), localizadas nas montanhas capixabas, se tornaram cidades turísticas de grande relevância. Assim como Vila Pavão e outras cidades de colonização alemã e pomerana, localizadas ao Norte do Estado, preservam suas tradições, sendo ambas bastante apreciadas pelos visitantes.

A língua dos descendentes é bastante falada nas comunidades. Existe um movimento para perpetuar principalmente o pomerano. Observa-se que nos municípios onde se concentram maior número de pessoas dessas origens, os nomes dos estabelecimentos, tanto públicos como privados, são carregados da linguagem alemã e

³⁰ KREUTZ, Lúcio. *O professor paroquial: magistério e imigração alemã*. Porto Alegre: Ed. Da Universidade UFRGS; Florianópolis: Ed da UFSC; Caxias do Sul: EDUCS, 1991, p. 97

³¹ Liturgia Luterana. Porto Alegre: Casa Publicadora Concórdia, 1971, p. 52-56.

pomerana e isso tem se tornado um valor, inclusive com a criação de um aplicativo de celular para aprender o dialeto pomerano.³²

O autor do aplicativo, professor Hilderson diz que sua principal motivação veio da comunidade pelo desejo de aprender a língua, para se comunicar tanto no comércio, como em outros segmentos.

A igreja, por sua vez, continua com seu papel de instruir, orientar e formar o seu rebanho. Hoje, a IECLB conta com 59.531 membros³³ e a IELB em torno de 30.724 membros.³⁴ São igrejas atuantes em áreas da educação não formal e a assistência social. Sua missão consiste em congregar pessoas, com um movimento menos germanista, e mais com o objetivo de pastoreio e cura de almas.

Conclusão

Muitos dos desbravadores não usufruíram da concretização dos seus sonhos. No entanto, sua atuação tem uma marca valiosa: o amor à vida! Pois trouxeram o desejo de buscar melhores condições para seus filhos e filhas, tornando-se sujeitos de sua própria história.

A sua religiosidade, o desejo pela manutenção da germanidade e as escolas paroquiais possibilitaram condições para lutar e trabalhar. Os líderes religiosos, pastores, suas esposas e professores foram fundamentais na superação das dificuldades.

Nos dias atuais, a vida dessa população é rica em conhecimentos e vivências, com o legado deixado pelos antepassados, e as igrejas luteranas desenvolvem a missão de levar o evangelho e ofertar serviços sociais para o bem-estar das pessoas, não somente do seu meio, mas também de diferentes etnias.

Referências

BENTO, Maria Aparecida da Silva. *Cidadania em Preto e Branco*. São Paulo: Ática, 1999.

³² g1 Espírito Santo. Educação. *Professor do ES cria app para ensinar língua pomerana*. Disponível em: <http://g1.globo.com/espírito-santo/educacao/noticia/2016/07/professor-do-es-cria-app-para-ensinar-lingua-pomerana.html>. Acesso em 19/05/2024.

³³ Dados fornecidos via e-mail no dia 23 de maio de 2024, pela Sr.^a Nilza Buss, secretária do Sínodo Espírito Santo a Belém da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil.

³⁴ Anuário Luterano. Versão Julho de 2022. Porto Alegre, Editora Concórdia, p. 170-171.

- CARVALHO, Regina Hess. *Santa Maria de Jetibá – uma comunidade Teuto-capixaba*. Dissertação de Mestrado – USP. São Paulo, 1978.
- DREHER, Martin Norberto. *Igreja e Germanidade*. São Leopoldo, RS: Sinodal, 2003.
- FREITAS, Eliane Maura Littig Milhomem de. *Escolas paroquiais luteranas no Estado do Espírito Santo*. Dissertação de Mestrado. Universidade São Marcos, São Paulo, 2006.
- g1 ESPÍRITO SANTO. Educação. *Professor do ES cria app para ensinar língua pomerana*. Disponível em: <http://g1.globo.com/espírito-santo/educacao/noticia/2016/07/professor-do-es-cria-app-para-ensinar-lingua-pomerana.html>. Acesso em 19/05/2024.
- JACOB, Jorge Kuster. *A Imigração e os aspectos da cultura Pomerana no Espírito Santo*. Vitória: Cidarts, 1992.
- KREUTZ, Lúcio. *O professor paroquial: magistério e imigração alemã*. Porto Alegre: Ed. Da Universidade UFRGS; Florianópolis: Ed da UFSC; Caxias do Sul: EDUCS, 1991, p. 97.
- Liturgia Luterana. Porto Alegre: Casa Publicadora Concórdia, 1971.
- LITTIG, Jeremias. *Meu Livro Recheado*. Nova Venécia, ES: Cricaré, 2000.
- MEDEIROS, Rogério. *Espírito Santo. Encontro de Raças*. Vitória: Dom Quixote, 1997.
- REHFELDT, Mário Luís. *Um grão de mostarda*. A história da Igreja Evangélica Luterana. V. 1. Porto Alegre, RS: Concórdia, 2003.
- RETZ, Sidney. *Memória, Vivência e Testemunho*. Santa Maria de Jetibá, ES: Edição Gráficool, 2005.
- ROCHE, Jean. *A colonização Alemã no Espírito Santo*. Tradução de Joel Rufino dos Santos. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1968.
- VOLLBRECHT, Edgar e SCHAEFFER, Dário G. *Igreja de Jequitibá – Um século de existência*, Vitória: Renograf, 1982.
- WAGEMANN, Ernst. *A colonização Alemã no Espírito Santo*. Tradução de Reginaldo Santana. Rio de Janeiro: Instituto de Geografia e Estatística, 1949.